

## Atividades pedagógicas em grupos no ensino médio: a formatação ideal sob a ótica dos discentes do IFB - *Campus Planaltina*

Hênio Delfino Ferreira de Oliveira <sup>(1)</sup>,  
Lucas de Souza Bombardi <sup>(2)</sup>,  
Ingrid Johanna Ribeiro dos Santos <sup>(3)</sup>,  
Eduarda do Santos de Sousa <sup>(4)</sup> e  
Ana Clara Medeiros Scharnberg <sup>(5)</sup>

Data de submissão: 26/3/2020. Data de aprovação: 22/5/2020.

**Resumo** – Trabalhar em equipe é algo fundamental quando se vive em sociedade. As instituições de ensino, inseridas nessa realidade, possuem entre os seus papéis o de formação para além do desenvolvimento profissional, ou seja, ensinar a conviver, desenvolvendo habilidades sociais e colaborativas. Os professores certamente utilizam diferentes configurações de grupos para realizar atividades pedagógicas, entretanto é necessário entender como os alunos se percebem nessa dinâmica para repensar o tamanho ou o formato mais eficaz de um grupo de estudo. Dessa forma, buscou-se identificar os pontos de atenção quando grupos são formados durante atividades pedagógicas. Objetivou-se identificar a melhor formatação a partir da visão de um grupo de estudantes do ensino médio e para isso, no *Campus Planaltina* do IFB – Instituto Federal de Brasília, ao final de 2019, 248 alunos do Curso Técnico em Agropecuária, único curso de ensino médio do *Campus*, participaram de uma pesquisa de opinião a respeito das potencialidades e dos desafios de se trabalhar em grupos. Com os dados, foi possível verificar que estudar em pequenos grupos é, para esse perfil, mais fácil do que estudar em grandes grupos e estudar sozinho tende a ser neutro, ou seja, o professor, ao permanecer no último formato, desperdiçará o potencial do trabalho em grupo. Estudar em dupla, para eles, é fácil, porém o formato apropriado, na perspectiva de formação colaborativa, tende a ser de trios ou quartetos, pois ao mesmo tempo que configura como formato de grupo, com seus desafios, também retira os alunos da zona de conforto. Acredita-se que essas informações serão relevantes aos professores e equipes quando se trata da organização dos espaços pedagógicos.

**Palavras-chave:** Ensino médio. Habilidades sociais. Trabalho em grupo.

### **Pedagogical activities in high school groups: the ideal format from the perspective of the IFB - *Campus Planaltina* students**

**Abstract** – Working as a team is fundamental when living in society and educational institutions, inserted in this reality, have among their roles that of trainers in addition to professional development, that is, teaching how to live together, developing social and collaborative skills. Teachers certainly use different group configurations to carry out pedagogical activities, however, it is necessary to understand how students perceive themselves in this dynamic to rethink the most effective size or format of a study group. Thus, we sought

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Educação / Administração Educacional pelo Instituto Politécnico de Santarém – Portugal. Professor do Instituto Federal de Brasília \*[henio.oliveira@ifb.edu.br](mailto:henio.oliveira@ifb.edu.br)

<sup>2</sup> Discente em Licenciatura em Biologia no *Campus Planaltina*, do Instituto Federal de Brasília. \*[lucas.bombardi@hotmail.com](mailto:lucas.bombardi@hotmail.com)

<sup>3</sup> Discente em Licenciatura em Biologia no *Campus Planaltina*, do Instituto Federal de Brasília. \*[ingridjrsantos@gmail.com](mailto:ingridjrsantos@gmail.com)

<sup>4</sup> Discente em Licenciatura em Biologia no *Campus Planaltina*, do Instituto Federal de Brasília. \*[eduardasousa577@gmail.com](mailto:eduardasousa577@gmail.com)

<sup>5</sup> Discente em Licenciatura em Biologia no *Campus Planaltina*, do Instituto Federal de Brasília. \*[anascharnberg@gmail.com](mailto:anascharnberg@gmail.com)

to identify points of attention when groups are formed during educational activities. The objective was to identify the best formatting from the perspective of a high school group students and for that, at the Planaltina *Campus* of IFB - Federal Institute of Brasília, at the end of 2019, 248 students of the Technical Course in Agriculture, the only high school course on *Campus*, participated in an opinion poll on the potential and challenges of working in groups. With the data, it was possible to verify that studying in small groups is, for this profile, easier than studying in large groups and studying alone tends to be neutral, which means that the teacher, when insisting with this format, will waste the potential of the work in group. Studying in pairs, for them, is easy, but the appropriate format, in the perspective of collaborative training, tends to be trios or quartets, because at the same time that it sets up as a group format, with its challenges, it also removes students from the comfort zone. It is believed that this information will be relevant to teachers and teams when it comes to the organization of pedagogical spaces.

**Keywords:** High School. Social Skills. Group work.

### Introdução

É fácil perceber que, por viver em sociedade, muitas atividades do cotidiano são realizadas em grupos ou por equipes. Se a dinâmica de trabalhar e cooperar está diretamente vinculada à prática de viver em sociedade e considerando que as instituições de ensino estão inseridas nela, certamente os desafios e as potencialidades de se colaborar e desenvolver em conjunto também se apresentam nesses ambientes em diferentes níveis, como também é tratado no seguinte trecho:

A escola, além de ensinar conteúdos presentes no currículo básico proposto, deve também preparar os estudantes para o mercado de trabalho que, por sua vez, tem sido mais exigente no que diz respeito aos pré-requisitos para contratação de profissionais. Existem diversos métodos avaliativos que desenvolvem diferentes habilidades nos alunos (oralidade, capacidade dissertativa, liderança, coordenação motora). Espera-se que os discentes saiam da escola aptos a serem profissionais inovadores, polivalentes, motivados, capazes de adaptar-se e socializar-se a diferentes contextos. (MIRANDA, 2012, como citado em RIBEIRO *et al*, 2015).

Para além do foco dado por Miranda, que é a atuação no mundo do trabalho, reforça-se a complexidade do que se espera de uma pessoa que vive em sociedade, sendo cidadão, tendo consciência de classe, empatia com o próximo e sendo capaz de interferir de maneira ética e dentro das suas competências e habilidades, para fins de resolver ou minimizar os problemas sociais identificados por ele. Em outras palavras, contribuir com a sociedade com suas habilidades sociais desenvolvidas. Para entender melhor do que se tratam essas habilidades sociais, o seguinte autor as descreve como:

comportamento socialmente habilidoso, isto é, um conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo que, em um contexto interpessoal, expressa seus sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos de um modo adequado à situação, respeitando esse comportamento nos demais e que geralmente resolve os problemas imediatos minimizando a probabilidade de futuros problemas. (CABALLO, 1996, como citado em CHAVES, *et al*, 2017).

Antes de analisar a ação de trabalhar em grupo no contexto pedagógico, é necessário entender o conceito de trabalho em equipe de maneira ampla, iniciando pelo conceito puro de “equipe”. O Dicionário *online* Priberam conceitua “equipe” como um grupo de pessoas reunidas para uma mesma tarefa ou ação. Já o Michaelis a conceitua como um grupo de pessoas organizado para um serviço determinado. Até aqui percebe-se a necessidade de reunião, organização de pessoas com uma intencionalidade.

Segundo Piancastelli *et al* (s/d), a ideia de equipe advém de duas importantes observações: a primeira da necessidade histórica do homem de somar esforços para atingir

finalidades que isoladamente não seriam alcançadas ou demandariam demasiado esforço; e a segunda da imposição que o desenvolvimento e a complexidade do mundo moderno têm imposto ao processo de produção, que ainda segundo os autores, acontece devido às relações de dependência e/ou complementaridade de conhecimentos e habilidades para o alcance dos objetivos.

Se o conceito de trabalhar em equipe pode ser percebido como uma estratégia de fortalecimento do grupo, esta mesma tática pode ser pensada em ambientes de aprendizagens colaborativas: as instituições de ensino. Sobre essa temática, Wiersema apresenta no seguinte parágrafo o que exatamente esperar da aprendizagem colaborativa (*Collaborative Learnin*) como filosofia:

CL é uma filosofia: trabalhando juntos, construindo juntos, aprendendo juntos, mudando juntos e melhorando juntos. É uma filosofia que se encaixa no mundo globalizado de hoje. Se pessoas diferentes aprendem a trabalhar juntas na sala de aula, acredito que se tornarão melhores cidadãos do mundo. Será mais fácil para eles interagirem positivamente com pessoas que pensam de maneira diferente, não apenas em escala local, mas também em todo o mundo. (2002. p.3).

Como debatido até agora, a aprendizagem colaborativa depende de interações entre estudantes e esta foi observada no contexto de uma instituição de ensino, o *Campus Planaltina* do Instituto Federal de Brasília, quando este tornou-se o lócus desta pesquisa em 2019, já que este espaço pareceu ideal para uma pesquisa a respeito dos desafios e das potencialidades de se estudar em grupos, pois nesse *Campus* existe a oferta única de um curso Técnico em Agropecuária Integrado ao ensino Médio.

Essa proposta pedagógica se revelou em um primeiro momento como um desafio por si só, já que os estudantes desse curso permanecem juntos diariamente por dois turnos, durante três anos, desenvolvendo competências e habilidades em diferentes áreas do conhecimento da educação básica, porém ao propor uma integração com a área técnica do curso, que é a Agropecuária, o desafio pareceu ser maior.

Durante a fase de reformulação do PPC – Plano Pedagógico do Curso – muitas questões<sup>6</sup> apareceram para a Comissão de Trabalho e, ao aproximar os alunos do debate sobre a atualização desse documento, estudando temas, como por exemplo a excessiva carga horária do curso como um todo, identificou-se naquele momento, que segundo eles, existe uma quantidade excessiva de avaliações.

Na ocasião, durante essa aproximação, buscou-se entender a percepção de 240 alunos dos 300 matriculados, sobre a quantidade de avaliações do curso. Com base nos dados de sondagens, verificou-se que 72,1% deles concordaram totalmente com a afirmativa “realizo atividades avaliativas em excesso”.

Mas de que tipo de avaliações esses estudantes se referem? O problema está realmente na quantidade de avaliações, nos seus formatos ou como são conduzidas? Sobre essas questões, comparou-se os modelos de avaliações que os professores mais utilizaram nesse curso, naquele ano, com os tipos que seriam na opinião deles, os mais apropriados.

Segundo os dados da pesquisa, os professores avaliam da seguinte maneira: com prova escrita individual (170), seminário (84), trabalho individual (80) e projeto (70). Na mesma oportunidade, os alunos indicaram como gostariam de ser avaliados e os quatro instrumentos mais indicados foram: prova escrita individual (92), trabalho individual (72), prova prática (71) e seminário (63).

Com base nessas informações, percebeu-se que a prova escrita individual, aplicada em período estabelecido em calendário acadêmico (semana avaliativa), é o instrumento mais utilizado pelos docentes e o instrumento que os alunos gostariam que permanecesse.

---

<sup>6</sup> Tais como avaliações das disciplinas, estágio curricular, carga horária do curso, perfil do egresso etc.

O fato é que, atualmente, o segundo método mais utilizado pelos docentes é o seminário, um tipo de trabalho em grupo de alta complexidade, já que exige organização, pesquisa, acordo coletivo e exposição dos resultados e quando se observa a posição dos seminários na visão dos alunos, esses se encontram em quarto lugar.

Os métodos orais, entre eles os seminários, exigem dos estudantes, segundo Ribeiro *et al* (2015), mais que compreender um conteúdo específico. Eles devem ter um mínimo de intimidade com a oralidade em público, além de boa postura. Dessa forma, é uma movimentação intelectual complexa por si só, e os docentes dessa instituição os utilizam com frequência. Entretanto, para os alunos, essa forma de avaliação deveria ficar em quarto lugar de prioridade.

Ainda se tratando dos métodos avaliativos desse curso, identificou-se que a terceira forma mais escolhida pelos alunos foi a prova prática, que geralmente é individual, isto é, dentre as quatro possibilidades, apenas uma é a partir de trabalhos em grupos.

O fato gerou um novo questionamento a respeito da possível interferência dos diferentes formatos de grupos de estudo durante as atividades pedagógicas no ensino médio, que é o objetivo deste trabalho, pois compreender como os alunos se sentem diante dos diferentes formatos de grupo em sala de aula pode indicar caminhos mais eficazes para os docentes e suas equipes pedagógicas, potencializando o tempo e o espaço de aprendizagem, além da promoção do desenvolvimento de maneira global do estudante.

### **Materiais e métodos**

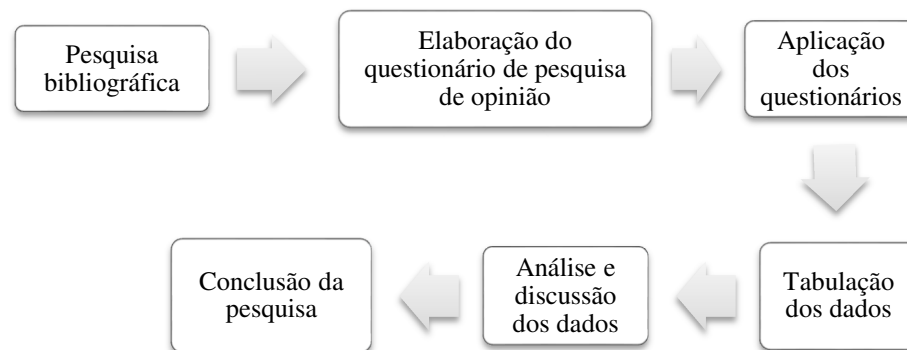
A pesquisa é a atividade nuclear da ciência, ela possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar. É o que afirmam Silveira e Córdova (2009 p. 31), para quem a pesquisa é um processo permanentemente inacabado, sendo executado por meio de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo-nos subsídios para uma intervenção no real, como no caso proposto nesta análise.

A proposta para a presente pesquisa é ser exploratória, como descrito abaixo:

Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão. (GIL, 2007, como citado em SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 35).

Com abordagem mista ou, em outros termos, quantitativa e qualitativa, os dados serão tratados e analisados sob a ótica da estatística descritiva, isto é, com foco na organização, sumarização e apresentação a partir de gráficos. O fluxograma da pesquisa, conforme detalhado a seguir, descreve seis etapas principais, que se intercomplementam.

Figura 1 - Fluxograma da pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores

A amostragem foi intencional, na qual o público pesquisado se constituiu de estudantes do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, que teve em 2019 aproximadamente 300 alunos matriculados, distribuídos em quatro turmas de primeiro ano, três turmas de segundo ano e duas turmas de terceiro ano.

Esta pesquisa, como já informado, tem caráter exploratório e utilizou como ferramenta de coleta de dados um questionário com 10 perguntas, em que seria possível traçar o perfil do grupo e suas opiniões com relação à percepção da temática supracitada. A participação dos estudantes foi vinculada ao aceite do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), pois a participação destes, mesmo que fundamental, era opcional e com a garantia de confidencialidade das respostas, que foram reunidas e tratadas em conjunto, gerando um relatório global.

A aplicação desse instrumento de coleta de dados foi feita ao final do terceiro bimestre do ano letivo 2019, ou seja, em um cenário provável no qual os alunos estariam melhor adaptados à escola, à metodologia, aos colegas e ao ambiente escolar, onde a pesquisa foi realizada. Do total de alunos do curso, 248 alunos aceitaram o convite para participar da pesquisa.

## Resultados e discussões

O curso Técnico em Agropecuária integrado ao ensino médio é um curso que existe no IFB desde o início das atividades no *Campus*, em 2008. O PPC já foi atualizado e sua versão vigente é a de 2012. Em 2019, um grupo de trabalho começou a reformulação do PPC, para que ele esteja de acordo com as atuais demandas da sociedade e do mundo do trabalho e saber conviver de maneira colaborativa é uma das demandas desses agentes, então entender como os alunos se percebem quanto à temática “trabalhos pedagógicos em grupos” pareceu ser pertinente.

Caracterizando o perfil dos estudantes, foi possível identificar que o grupo é formado por 103 meninas, 142 meninos e 3 que optaram por não identificar o gênero. Do total de alunos, 52 têm 15 anos ou menos, 70 alunos têm 16 anos, 73 alunos têm 17 anos e 53 alunos possuem 18 anos ou mais. Do total de participantes, 109 são do 1º ano, 63 do 2º ano, 75 do 3º ano e um aluno optou por não identificar em que ano está matriculado. O grupo não possui características consideravelmente distintas, o que levou a análise o tratamento dos dados de global, sem subcategorias.

Iniciando a análise, o primeiro ponto observado foi com relação às preferências por disciplinas das diferentes áreas que compõem o curso, tais como: exatas, humanidades e técnicas, isso com o objetivo específico de conhecer um pouco mais do perfil do grupo estudado. Portanto, foi solicitado aos alunos que indicassem suas duas disciplinas favoritas.

Todos responderam e utilizando a ferramenta *wordcloud*, que gera "nuvens de palavras", identificaram-se as disciplinas favoritas, já que as nuvens dão maior destaque às palavras que



aparecem com mais frequência no texto de origem. A partir das respostas dos alunos, a nuvem gerada foi a seguinte:

Figura 2 – Nuvem de palavras – disciplinas favoritas



Fonte: dados da pesquisa

As dez disciplinas mais indicadas pelos alunos foram: Matemática (61), Português (37), Anatomia Animal (29), Geografia (27), História (27), Ciência do Solo (26), Educação Física (23), Inglês (21), Física (15) e Agroecologia (13). Com base nesses dados, observou-se que uma maior preferência pelas disciplinas do núcleo básico do que pelas do núcleo técnico.

Outros dois fatos se destacaram: a quantidade de alunos que indicaram Matemática como favorita, enquanto a base do curso está fortemente ligada em disciplinas como Irrigação, Nutrição Animal, Topografia, Administração Rural e Desenho Técnico e as três disciplinas técnicas que apareceram na lista são todas no primeiro ano, Anatomia Animal, Ciência do Solo e Agroecologia.

A disciplina Zootécnica 3, do terceiro ano, só aparece na 12ª posição, com 12 indicações. O interessante aqui é observar que em um curso técnico é no mínimo intrigante que sete disciplinas do núcleo básico se destaquem como favoritas, porém a análise desses dados se limita aqui, pois diferentes variáveis podem gerar esse resultado, como por exemplo, o aluno escolher a disciplina como favorita por causa da postura do docente e não pela disciplina em si.

A pesquisa também buscou entender como os alunos se percebem inseridos em diferentes formatações, seja ele sozinho, em dupla, em pequenos grupos ou em grandes grupos. Eles poderiam indicar as categorias “fácil”, “difícil” ou “indiferente” quando se estuda com os formatos supracitados.

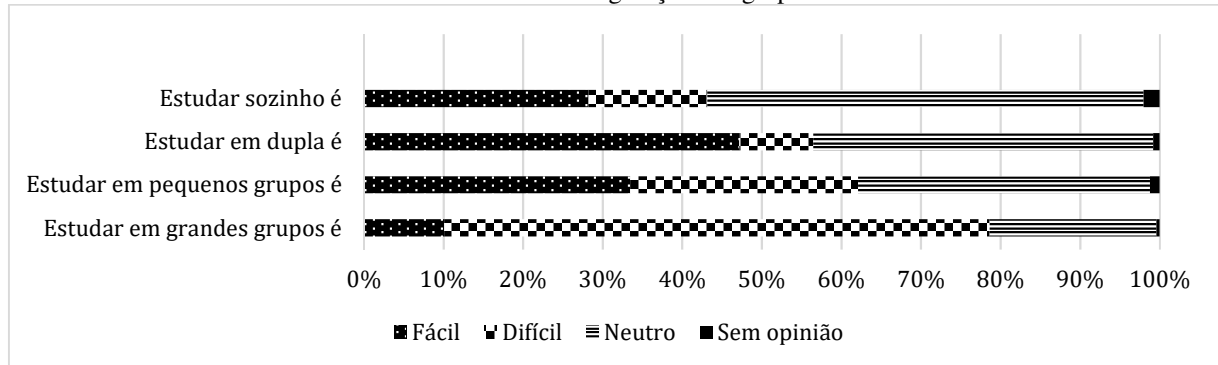
Sobre as possíveis formatações para a realização de atividades pedagógicas, cada aluno pode classificar como sendo fácil, neutro, difícil ou sem opinião a respeito do que sente quando estuda sozinho, em duplas, pequenos grupos (trios ou quartetos) ou em grandes grupos (a partir de cinco pessoas).

As indicações se limitam às atividades realizadas em sala de aula com uma finalidade avaliativa, ou seja, os alunos precisam entregar um produto pedagógico ao docente para que sejam avaliados, seja a partir de uma atividade escrita, oral, prática ou de qualquer outra natureza, dependendo da especificidade da disciplina.

Ao solicitar que os alunos avaliem de maneira ampla o nível de dificuldade que sentem ao compor diferentes formatações, foi possível trazer informações a respeito do que concebem sobre os grupos de estudos, ou seja, avaliando os grupos de maneira geral e não específica.

A partir das contribuições apresentadas no gráfico 1, destacou-se a informação de que estudar sozinho não implicar significativamente em ser mais fácil ou mais difícil, já que mais de 50% indicaram ser neutro quando estudam com essa formatação. Observe que estudar em dupla é, segundo eles, a forma mais fácil, quando comparada com as demais possibilidades.

Gráfico 1 - Análise das dificuldades das diferentes configurações de grupos



Fonte: dados da pesquisa

Observou-se que, na medida em que o grupo de estudo cresce, a neutralidade e a ausência de opinião dos alunos diminuem, já a indicação de dificuldade aumenta significativamente, como pode ser observado no mesmo gráfico. Esses dados indicam que existe um problema com relação aos grandes grupos e utilizar essa formatação em sala de aula somente para garantir o volume, pode ser um grande risco ao êxito pedagógico, caso o docente não saiba exatamente como mediar atividades em grandes grupos.

Até aqui, entende-se que, quando se trata de facilidade ou dificuldade em estudar, quando o aluno está sozinho seu julgamento é neutro. Percebe-se também que a zona de conforto está em estudar em duplas e que estudar em grandes grupos (quantidades acima de quatro pessoas) é um desafio. Diante desse cenário, ainda assim é possível identificar uma alternativa: grupos menores.

A respeito da importância dos grupos em ambientes escolares, Queiroz (2015), em entrevista com uma professora de Português de uma escola pública, percebeu que na medida em que o estudante cresce, o conhecimento passa a ser lecionado em ambientes menos colaborativos e mais competitivos, algo que não contribui, segundo a docente, para o envolvimento do aluno com as aulas.

Com base na fala da docente e pensando nas demandas da sociedade, entender o potencial e as fragilidades de trabalhar, estudar, criar e aprender com o coletivo é necessário para o desenvolvimento do estudante e cidadão. Para esse fim, estudar em duplas ou em pequenos grupos já tem sido objeto de estudo de pesquisadores como é o caso do professor Eric Mazur.

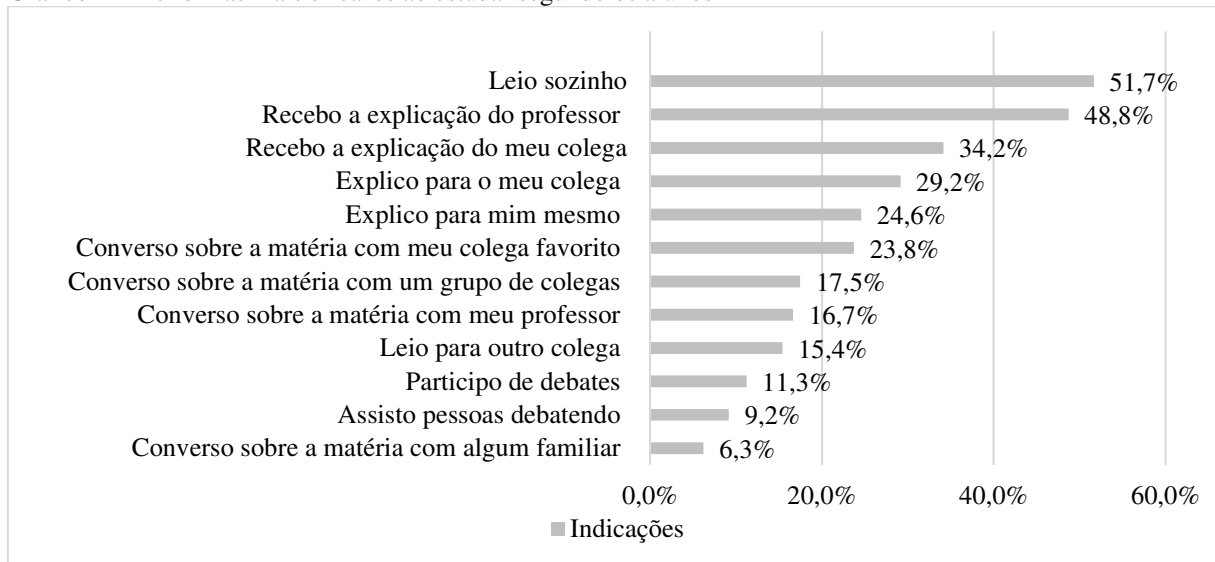
Estudar em duplas tende a ser mais fácil do que em grupos maiores. Esse fato pode ser verificado também pelos resultados observados no método *peer-instruction* (aprendizagem por pares, em tradução livre), criado pelo professor de Harvard, Eric Mazur.

Segundo Crouch e Mazur (2001), o método de aprendizagem por pares consiste em que os alunos possam trabalhar os conteúdos de forma colaborativa, possibilitando a troca de conhecimentos e exposição de pontos de vista, gerando assim, um melhor rendimento dos discentes, nas mais diferentes áreas do saber.

Eric Mazur (2015) descreve que a aprendizagem está além da abordagem quantitativa dos conteúdos como é vista em aulas expositivas tradicionais. Para ele, o método de aprendizagem por pares delega responsabilidade aos estudantes e isso acontece, por exemplo, quando eles precisam ler o material antes da aula, para que o docente foque que nos principais pontos em sala de aula e crie tempos para as atividades em grupos.

Aprofundando um pouco mais a respeito do perfil do grupo pesquisado e buscando mais informações a respeito das formas como estudam, foi solicitado aos alunos que indicassem as formas mais eficazes de estudo. A análise agora não tem foco na avaliação ou na sala de aula e os alunos podem indicar quantas forem, em suas opiniões, as maneiras mais efetivas de estudar, sendo possíveis os formatos individuais, em duplas, pequenos ou grandes grupos, com participação ativa ou passiva no processo, como pode ser identificado no gráfico 2.

Gráfico 2 – As formas mais eficazes ao estudar segundo os alunos



Fonte: dados da pesquisa

Comparando os dados desta pesquisa com a teoria do professor Mazur, “a aprendizagem por pares”, as categorias “ensinando” ou “aprendendo” ficaram entre as quatro mais eficientes, com 34,2% e 29,2% respectivamente. Observou-se também que 51,7% indicam a leitura individual como um dos métodos mais eficazes de estudo. Ao contrastar essa informação com a neutralidade, que é estudar sozinho, na opinião dos mesmos alunos, percebe-se um apego à zona de conforto, pois relações de aprendizagem a partir de interação com mais de uma pessoa exigem troca e debate, que é mais difícil do que a leitura de um material, mesmo que esse seja de ótima qualidade.

As três primeiras formas são passivas e novamente destaca-se a dificuldade em se tornar agente ativo da sua própria aprendizagem. É importante destacar, do gráfico 2, que 34,2% dos alunos indicaram aprender mais quando recebem explicação do colega, o que fortalece a tese de que estudar em dupla ou em pequenos grupos se mostra viável. Ainda nessa atmosfera, 29,2% alunos indicaram que aprendem mais quando explicam para o colega.

O destaque aqui é para a complexidade da ação de explicar, que envolve uma força intelectual considerável, pois o aluno precisará entender para elucidar. Vale destacar também que às vezes o aluno entende mais a explicação do colega do que a do professor, pois ao ensinar consegue adequar a sua linguagem, ao “falar no mesmo nível”, já que muitas vezes a linguagem do professor não é clara ou é rebuscada demais para alguns, cheia de jargões que dificultam a compreensão. Esse grupo também indicou que levar assuntos acadêmicos para a família não é muito eficaz, sendo indicado por apenas 6,3% deles.

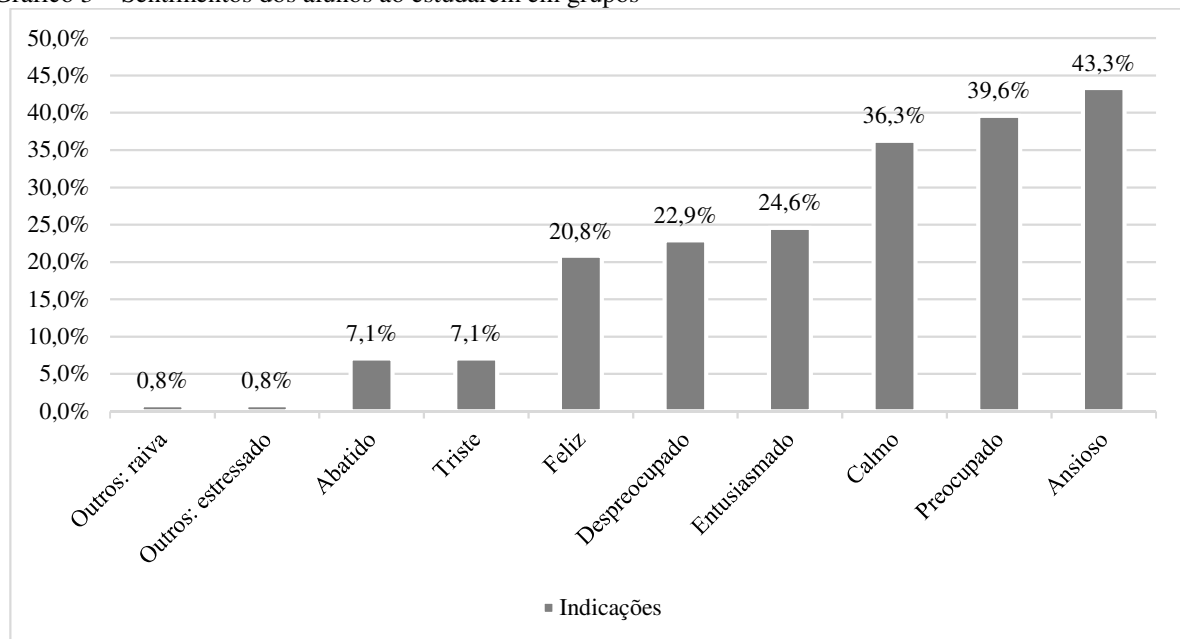
Se trabalhar em grupos, pequenos e grandes demonstrou ser difícil em alguma proporção, parece ser importante saber o que cada aluno sente ao se perceber inserido nesses formatos, já que não parece ser uma escolha, seja na escola, seja na sociedade, seja a curto, médio e longo prazo.



Interpretar como o aluno se sente quando compõe um grupo pode instrumentalizar o docente ao preparar a turma para produzir em grupos e ter clareza de que alguns sentimentos podem atrapalhar a aprendizagem do aluno e de seu grupo, que certamente não é o objetivo da proposta da atividade.

Aproximadamente 43% dos alunos se sentem ansiosos quando são colocados em grupos, enquanto 39,6% se sentem preocupados e vários outros se sentem calmos (36,3%). Vale destacar que estudar em grupo não precisa ser algo sofrido, prova disso é que muitos se sentem entusiasmados, despreocupados e felizes ao se perceberem nesse contexto, como pode ser visualizado a partir dos dados do gráfico 3.

Gráfico 3 – Sentimentos dos alunos ao estudarem em grupos



Fonte: dados da pesquisa

O professor e a equipe pedagógica como um todo precisam ter clareza de que diferentes perfis lidam de diferentes formas quando são colocados em grupos e alguns, mesmo que poucos, podem se sentir estressados, com raiva ou abatidos (desmotivados). Ficar atento ao perfil que tem dificuldade para interagir em grupo é necessário e diferentes estratégias podem ser utilizadas, como por exemplo, identificando o colega mais próximo, afetivamente, para compor o grupo desse aluno, deixá-lo como líder inicialmente para formar seu próprio grupo para que, dessa maneira, o formato em si deixe de ser fator limitador da aprendizagem e se torne um potencializador do que cada um tem para oferecer como membro daquele conjunto.

### Considerações finais

Os dados apresentados podem reafirmar o que estudiosos da perspectiva construtivista já relataram: que o processo de desenvolvimento e aprendizagem são resultados da interação do ser humano com o meio ambiente e com as demais pessoas. Como disse Vygotsky, “a construção do conhecimento implica em uma ação partilhada, exigindo uma cooperação e troca de informações mútuas, com conseqüente ampliação das capacidades individuais”.

Viver em sociedade é também se desenvolver em grupo e as instituições de ensino, em diferentes níveis, o que pode formar pessoas com um perfil colaborativo e motivado para o trabalho em equipe. Mas no ambiente escolar, qual o tamanho ideal de um grupo para a realização de atividades pedagógicas? Segundo o grupo pesquisado em 2019 no *Campus*

Planaltina do Instituto Federal de Brasília, existem duas possibilidades que merecem uma atenção especial: estudos em duplas ou em pequenos grupos (trios ou quartetos).

Conforme os dados da pesquisa, 56% dos participantes afirmaram que o fato de estudar sozinho não implica significativamente em ser mais fácil ou mais difícil e com base nisso, percebe-se um potencial desperdício de oportunidade por parte do docente e equipe pedagógica para a promoção do desenvolvimento de habilidades sociais e todas as competências de ser colaborativo que a sociedade demanda, ou seja, manter estudos individuais como regra é ruim para a aprendizagem colaborativa.

Analisando as diferentes formatações, foi possível identificar uma zona de conforto dos alunos, as duplas, mas se tratando de desenvolvimento acadêmico e social é necessário que esses alunos vivenciem diferentes formatações em suas relações no ambiente escolar, que nada mais é que um recorte da sociedade.

O grupo apresentou inicialmente resistência para trabalhos que são desenvolvidos em equipes, preferindo avaliações individuais em detrimento das coletivas. O ponto positivo aqui é que os docentes demonstraram buscar um equilíbrio entre suas escolhas, o que certifica que acreditam que é importante que os alunos desenvolvam habilidades de cooperação e desenvolvimento coletivo.

Por fim, não há regra única para mediação de atividades pedagógicas em ambientes complexos como a sala de aula e anexos, entretanto se existem formatações intermediárias e que se apresentam como caminhos alternativos para a promoção do ensino e aprendizagem, então estes devem ser utilizadas sempre que possível.

### Referências

"EQUIPE", in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/equipe>. Acessado em: maio 2020.

"EQUIPE", in **Dicionário Michaelis**. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=equipe>. Acessado em: maio 2020.

CHAVES, N. M., GALINHA, S. M. G. A., & GONTIJO, S. B. F. (2017). Formação docente e habilidades sociais: contribuições para a formação integral de estudantes universitários. **Revista da UIIPS** – Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém. Vol. 5, N.º 3, 2017, p. 99-114.

CROUCH, C. H.; MAZUR, E. Peer Instruction: Ten years of experience and results. **American Journal of Physics**. Cambridge, v69 n9 p970-77 Set. 2001. Disponível em: [http://web.mit.edu/jbelcher/www/TEALref/Crouch\\_Mazur.pdf](http://web.mit.edu/jbelcher/www/TEALref/Crouch_Mazur.pdf). Acessado em: 4 set. de 2019. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24629/3/2015\\_eve\\_lvribeiro.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24629/3/2015_eve_lvribeiro.pdf). Acessado em: Fev. 2020.

Mazur, Eric. **Peer instruction: a revolução da aprendizagem ativa** [recurso eletrônico] Tradução: Anatólio Laschuk. Porto Alegre. Ed Penso. 2015.

PIANCASTELLI, Carlos Haroldo; FARIA, Horácio Pereira de; SILVEIRA; Marília Rezende da. **Grupos em ambientes escolares – equipes** – trabalhos em grupos. Texto de Apoio da Unidade Didática I - Seqüência de Atividades I. Disponível em: <https://www.colegiosantanna.com.br/formacao/downloads/O%20trabalho%20em%20equipe.pdf>. Acessado em: maio 2020.

QUEIROZ, Christina Stephano de. Revista Educação, 2015. **Trabalho em grupo traz benefícios para o aprendizado**. Disponível em:  
<https://www.revistaeducacao.com.br/trabalho-em-grupo-traz-beneficios-para-o-aprendizado/>.  
Acessado em: 8 Out. 2019.

RIBEIRO, Lucas Vitoriano; *et al.* A importância do uso do seminário como critério avaliativo e de relevância para o processo de aprendizagem. In: VI Congresso Internacional em Avaliação Educacional. Avaliação: veredas e experiências educacionais. **Anais VI**. p 789-801. 2015. Fortaleza, CE

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. (2009). A pesquisa científica. In T. E. Gerhardt, & D. T. Silveira (Coord.). **Métodos de pesquisa**. (Cap. 2). Porto Alegre: UFRGS.

WIERSEMA, N. **How does Collaborative Learning actually work in a classroom and how do students react to it? A Brief Reflection**. 2002. Disponível em:  
<https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED464510.pdf> Acessado em: maio 2020.